

## **HAROLDO DE CAMPOS E MARTIN BUBER COMO TRADUTORES DO LIVRO DO ECLESIASTES: UMA ANÁLISE DE ASPECTOS DA TRADUÇÃO À LUZ DA TEORIA DA RELEVÂNCIA**

Geraldo Luiz de Carvalho Neto (UFMG)

### **RESUMO**

Este trabalho objetiva analisar excertos da tradução do livro bíblico do Qohélet, realizada por Campos (1991), para o português, e por Buber (1997), para o alemão. A análise pauta-se pelos princípios da Teoria da Relevância (SPERBER & WILSON, 1986/1995) e pelos trabalhos de Gutt (2000) e Alves (2001a/2001b), que aplicam essa teoria aos Estudos da Tradução. Consoante sua agenda tradutória, Campos e Buber aspiram a uma hebraização de seus respectivos idiomas. Em vista disso, torna-se importante investigar o grau de semelhança interpretativa alcançado. Conceitos cruciais nesta abordagem são os de codificação conceitual e procedimental, pistas comunicativas e ambiente cognitivo.

**Palavras-chave:** Tradução, Bíblia, Relevância.

### **ABSTRACT**

The objective of the present work is to analyze some excerpts of the translation of the biblical book of Qohélet, carried out by Campos (1991), into Portuguese, and Buber (1997), into German. The analysis is based on the principles of Relevance Theory (SPERBER & WILSON, 1986/1995) and on the works of Gutt (2000) and Alves (2001a/2001b), who apply this theory to the Translation Studies. In accordance with their translational agenda, Campos and Buber aspire to a hebraization of their respective languages. Having this in mind, it is important to investigate the degree of interpretive resemblance that was achieved. Crucial concepts of this approach are: communicative clues, cognitive environment, conceptually and procedurally encoded information.

**Keywords:** Translation, Bible, Relevance.

## 1. Introdução

O intuito deste artigo é analisar excertos de duas traduções de um livro da Bíblia hebraica, denominado de *Qohélet* ou *Eclesiastes*. Para tanto, serão tomados dois tradutores com semelhante agenda tradutória, um em língua portuguesa (HAROLDO DE CAMPOS) e outro em língua alemã (MARTIN BUBER), conforme devidamente exposto no item 3 deste artigo. Como auxílio à investigação da agenda tradutória empregada na formulação do produto, que são os textos traduzidos em português e alemão, far-se-á também uso de algumas notas e paratextos que acompanham as traduções.

O suporte teórico escolhido para esta análise comparativa foi a Teoria da Relevância (SPERBER & WILSON, 1995) e a discussão apóia-se, outrossim, nas propostas de Gutt (2000) e Alves (2001a/2001b), que aplicam a Teoria da Relevância aos Estudos da Tradução. Conceitos fundamentais para a análise são os de semelhança interpretativa, efeito contextual, codificação conceitual e codificação procedimental, conforme definição a ser explicitada oportunamente.

Escolheu-se este suporte teórico na análise das traduções do texto sagrado, por se entender estar a Teoria da Relevância apta a lidar com diferentes graus de semelhança na interpretação de passagens que causam especial dificuldade ao tradutor e, por que não, ao leitor. A composição do texto hebraico da Bíblia situa-se a uma grande distância dos tradutores modernos, tanto temporal quanto espacial e cultural. A recriação do contexto de produção do texto primevo é um desafio por que passam, e essa teoria é capaz de auxiliar o pesquisador na avaliação do grau de semelhança alcançado entre o texto de partida e o texto de chegada, segundo a proposta de tradução empregada.

## 2. Teoria da relevância e sua aplicação aos estudos da tradução

A Teoria da Relevância (de agora em diante, TR) foi desenvolvida como desdobramento dos trabalhos de Grice (1957), segundo o qual a expressão e o reconhecimento de intenções são uma característica importante do ato de comunicação humana, colocando, assim, as bases de um modelo inferencial como alternativa ao clássico modelo de código. Wilson & Sperber (2004), em seu artigo *Relevance Theory*, explicam que, segundo o modelo inferencial, “(...) um comunicador fornece evidência de sua intenção em transmitir um determinado significado, o qual é inferido pela audiência com base na evidência fornecida”<sup>1</sup> (p.1). Não se comunica codificando-se e decodificando-se mensagens. Para Grice, o processo de comunicação humana é regido pelo princípio cooperativo com suas máximas de quantidade, qualidade, relação e modo. Tudo o que o ouvinte tem a fazer, é eliminar, dentre as várias possibilidades que podem ser expressas por uma sentença, “(...) todas aquelas que são incompatíveis, supondo que o falante esteja obedecendo ao princípio cooperativo e suas máximas”<sup>2</sup> (SPERBER & WILSON, 1995, p. 34). E, como suporte ao princípio cooperativo, Grice introduz o conceito de implicaturas (cf. SPERBER & WILSON, 1995, p. 35), visando a tornar a comunicação verbal mais explícita e “explorando suas implicações”.

---

1. Tradução de: “... a communicator provides evidence of her intention to convey a certain meaning, which is inferred by the audience on the basis of the evidence provided”.

2. Tradução de: “... any that are incompatible with the assumption that the speaker is obeying the co-operative principle and maxims”.

Se refletirmos sobre a proposta de Grice, veremos que se poderia tratar de um cenário ideal, em que haveria cooperação mútua entre falante e ouvinte. Mas o que ocorre é geralmente o contrário: não há cooperação, mas sim, violação das máximas. É aí que surge a TR, mudando esta perspectiva.

Introduzindo o princípio de relevância como alternativa ao princípio cooperativo de Grice (1975), a TR traz plasticidade e flexibilidade à explicação de processos cognitivos e inferenciais. Substituindo o conceito de cooperação mútua e de conhecimento contextual pelos de manifestação mútua e ambiente cognitivo, respectivamente, e postulando a existência de contextos emergentes variáveis regulados por relevância dada no lugar de graus variáveis de relevância num contexto dado, a TR introduz uma noção de contexto estabelecido *online* em oposição a visões tradicionais de contexto como estabelecidos *a priori*<sup>3</sup>. (ALVES & GONÇALVES, 2003, p. 3, itálicos como no original).

A TR propõe uma junção dos dois modelos, o de código e o inferencial. Parte do pressuposto de que o falante tem um comportamento ostensivo, ou seja, ele deseja comunicar algo e também mostra sua intenção em fazê-lo. O ouvinte, por sua vez, tem um comportamento inferencial, processando a informação intencionada pelo falante. Este comportamento ostensivo-inferencial é guiado pelo princípio de relevância. Através do menor esforço cognitivo possível, tenta-se obter o maior efeito contextual possível. Alves (2001a) resume bem a questão da seguinte forma:

Sperber e Wilson postulam que este processo, direcionado pelo princípio de relevância, atua a partir das interfaces estabelecidas entre um comportamento ostensivo por parte do falante e um comportamento inferencial por parte do ouvinte que, apoiados por manifestação mútua e situados em determinados ambientes cognitivos, geram um efeito contextual capaz de explicar o funcionamento (...) dos processos de comunicação. (...) Em suma, o princípio de relevância possibilita, por intermédio deste comportamento ostensivo-inferencial, que seja alcançado o maior efeito contextual através do menor esforço processual possível. (p. 18)

Neste ponto, seria também interessante salientar que, para Sperber & Wilson, deve-se diferenciar entre dois tipos de codificação linguística: a codificação conceitual e a codificação procedimental. Alves (2001a) esclarece que “as informações codificadas conceitualmente são passíveis de extensão proposicional e veiculam significado conceitual” (p.21), ou seja, são codificações de conteúdo. A codificação conceitual se refere às formas lógicas do enunciado, e pode ser recuperada pela via dedutiva. Por sua vez, as codificações procedimentais, continua Alves, “não podem ser desdobradas em termos inferenciais mas contribuem decisivamente no processamento dos enunciados ao impor-lhes restrições inferenciais” (p.22). Estas restrições inferenciais reduzem o esforço de processamento do receptor, pois as formas proposicionais deste tipo de informação são guiadas pelas chamadas marcas e pistas. Sobre isto, Gutt (2000) diz que “elementos da linguagem podem codificar ‘instruções procedimentais’ que fornecem orientação à audiência sobre como uma expressão tem o objetivo de ser relevante”<sup>4</sup> (p.175).

3. Tradução de: “By introducing the principle of Relevance as an alternative to Grice’s Cooperative principle (Grice 1975), RT brings plasticity and flexibility into the explanation of cognitive and inferential processes. Replacing the concept of mutual cooperation and background knowledge by, respectively, those of mutual manifestness and cognitive environment and postulating the existence of variable emerging contexts regulated by given relevance in the place of variable degrees of relevance in a given context, RT introduces a notion of context established *online* in opposition to traditional views of context as established *a priori*”.

No contexto da tradução, Alves & Gonçalves (2003) fazem uma importante observação sobre a competência de tradutores no tocante a estas codificações conceituais e procedimentais. Atestam que os “tradutores têm que aprender a manipular conceitual e procedimentalmente a informação codificada de modo a poder identificar as restrições inferenciais inerentes a um enunciado dado”<sup>5</sup> (p.5).

Chegamos, então, na aplicação da TR aos Estudos da Tradução, seguindo os passos de Gutt (2000). Gutt considera a tradução como sendo uma instância do que chama de uso interpretativo da linguagem, pois a relevância reside no fato de informar ao ouvinte sobre o que alguém “disse, escreveu ou pensou” (cf. p.166). Tomando-se em consideração que a atividade do tradutor gira em torno da interpretação, ligando o texto de partida (de agora em diante, TP) ao texto de chegada (TC, a partir de agora), surge o conceito de semelhança interpretativa, como declara Gutt:

Considerando, mais, que o objetivo principal de enunciados é veicular a gama de suposições que o comunicador pretende veicular, parece razoável definir semelhança interpretativa entre enunciados nos termos de suposições compartilhadas entre as interpretações pretendidas destes enunciados. Uma vez que a gama de suposições que se pretende veicular com um enunciado, consiste de explicaturas e/ou implicaturas, podemos dizer que dois enunciados, ou até mesmo de forma mais geral, dois estímulos ostensivos se assemelham interpretativamente um ao outro na medida em que compartilham suas explicaturas e/ou implicaturas<sup>6</sup>. (GUTT *apud* ALVES & GONÇALVES, 2003, p. 5)

Conforme a TR, um enunciado é composto de explicaturas e implicaturas. As explicaturas corresponderiam à forma proposicional do enunciado e podem ser analisadas quanto ao léxico, à sintaxe e à semântica, perfazendo, assim, o componente linguístico. As implicaturas, por sua vez, seriam as suposições inferidas a partir da explicatura. As inter-relações entre explicaturas e implicaturas são de suma importância para a TR, pois a semelhança interpretativa ocorre quando dois enunciados compartilham explicaturas e implicaturas.

Por conseguinte, no contexto da TR, o que importa não é apenas a comparação das características textuais e semânticas entre TP e TC, mas também, sobretudo, as interpretações que cada texto quis comunicar. Dentro deste quadro, devem-se levar em conta as seguintes atividades: interpretação do enunciado no TP, interpretação do enunciado no TC e avaliação da semelhança entre as duas interpretações (cf. GUTT, 2000, p. 166-167). Esta tarefa fica simplificada para o tradutor, caso seu ambiente cognitivo seja congruente com o do TP. Todavia, se este não for o caso, o tradutor se encontra diante de tarefas adicionais, ou seja, “o tradutor necessitará reconstruir o ambiente cognitivo mutuamente compartilhado pelo comunicador original e sua audiência” e “determinar quais partes daquele ambiente cognitivo mutuamente compartilhado serviram de contexto para a comunicação original”<sup>7</sup> (p.168).

---

4. Tradução de: “elements of language can encode ‘processing instructions’ which provide guidance to the audience as to how an expression is intended to be relevant”.

5. Tradução de: “translators have to learn to manipulate conceptually and procedurally encoded information so that they can identify the inferential constraints inherent to a given statement”.

6. Tradução de: “Considering further that the main purpose of utterances is to convey the set of assumptions which the communicator intends to convey, it seems reasonable to define interpretive resemblance between utterances in terms of assumptions shared between the intended interpretations of these utterances. Since the set of assumptions an utterance is intended to convey consists of explicatures and/or implicatures, we can say that two utterances, or even more generally, two ostensive stimuli, interpretively resemble each other to the extent that they share their explicatures and/or implicatures”.

Neste último caso, a TR é de fundamental importância, principalmente quando há uma grande distância de tempo e cultura entre os ambientes cognitivos. Como o tradutor conseguirá, então, inferir as informações desejadas sobre o contexto do TP? Gutt (2000) explica que o fundamento desta possibilidade está no princípio de relevância. Para Gutt, o que importa não é o fato se esta ou aquela condição foram satisfeitas na situação de comunicação do TP, mas se “o comunicador *pensou* que elas foram satisfeitas”<sup>8</sup> (p.168). E outra ferramenta à disposição do tradutor, na tarefa de identificar o sentido pretendido no TP, são as chamadas pistas comunicativas, que não devem ser confundidas com a identificação e a preservação de propriedades linguísticas do TP.

‘Pistas comunicativas’ são abstrações das propriedades linguísticas reais do texto e podem precisar ser fornecidas por meios linguísticos muito diferentes na língua do receptor. ‘Pistas comunicativas’ só podem ser identificadas por referência ao papel que elas desempenham ao guiar a audiência em direção à interpretação pretendida, e não por simples comparações linguístico-textuais e estruturais<sup>9</sup>. (GUTT, 2000, p. 169-170)

Finalizando este breve comentário teórico a respeito da TR e sua aplicação à atividade tradutória, seria importante fazer um resumo sucinto destas considerações, citando Alves (2001b):

Com base na TR, poder-se-ia dizer, portanto, que o tradutor busca um efeito contextual entre uma forma proposicional 1 na língua de partida e sua provável contrapartida na língua de chegada, qual seja, uma forma proposicional 2. Detona-se, assim, um processo de tomada de decisão. Em outras palavras, o que faz um tradutor decidir-se por uma determinada tradução em favor de outras possíveis alternativas pode ser explicado como o resultado de uma semelhança interpretativa de um grau subjetivamente mais elevado entre a unidade de tradução na língua de partida e uma alternativa favorável na língua de chegada. Para o tradutor, a decisão adotada é aquela que, subjetivamente, possui a semelhança interpretativa mais forte capaz de expressar tanto as explicaturas quanto as implicaturas presentes no texto de partida com a menor perda de significado quando comparada a outras possíveis alternativas. (p.93)

Com base no exposto acima, a aplicação da TR na tradução de textos sagrados parece ser um instrumento capaz de lidar adequadamente com questões até hoje intrigantes para estudiosos e tradutores. Conforme bem atesta Gohn (2001), “a tradução de textos sagrados para línguas diferentes daquelas em que eles foram primeiro escritos apresenta desafios que têm, por séculos, exigido criatividade e habilidade por parte dos tradutores” (p.150). Trabalham com uma língua, com uma cultura e com um contexto bem diferentes do seu e ainda se aventuram num campo que já custou a vida a muitos. Pela TR, a preocupação principal do tradutor não está em *como* expressar o sentido original na língua de chegada (até mesmo porque como, hoje, precisar o *sentido original?*), mas em “decidir quais aspectos do original ele quer comunicar”<sup>10</sup> (GUTT, 2000, p. 172).

7. Tradução de: "the translator needs to reconstruct the cognitive environment mutually shared by the original communicator and his/her audience" e "to determine which parts of that mutually shared cognitive environment served as context for the original communication".

8. Tradução de: “the communicator *thought* they were met”.

9. Tradução de: “‘communicative clues’ are abstractions from the actual linguistic properties of the text and may need to be provided by very different linguistic means in the receptor language. ‘Communicative clues’ can be identified only by reference to the role they play in guiding the audience towards the intended interpretations, not by straightforward structural or text-linguistic comparisons”.

Utilizando, pois, o suporte teórico da TR, veremos a seguir como Martin Buber e Haroldo de Campos derivaram as explicaturas e implicaturas contidas no TP, visando a gerar grande efeito contextual, via semelhança interpretativa, no TC. Não antes de falar um pouco sobre a atividade tradutória de ambos e sobre o texto de partida que, juntamente com as respectivas traduções, vai constituir o corpus deste artigo.

### 3. *Qohélet e seus tradutores*

#### 3.1. *Qohélet*

*Qohélet* é um livro inserido no cânon bíblico, fazendo parte tanto dos livros sagrados cristãos quanto judaicos. Sua composição remonta ao século III a.e.c. e está escrito em hebraico. No entanto, há quem defenda a tese de que o texto hebraico tenha sido uma versão do aramaico, língua já falada pelos judeus na época (cf. LÍNDEZ, 1999, p. 63-67). Sua autoria é também controvertida, embora o próprio texto a atribua a Salomão. Durante séculos, a tradição cristã manteve como indiscutível que o autor era aquele indicado no primeiro verso do livro, mas, depois, a partir da análise linguística do hebraico de *Qohélet*, verificou-se que não era mais a mesma língua tal qual falada nos tempos do rei Salomão. A presença de elementos aramaicos no texto aponta para um estágio de evolução do hebraico incompatível com aquele do tempo antigo do rei.

No entanto, não se duvida da canonicidade de *Qohélet*. No cânon judaico, é parte integrante do último grupo de Escritos ou Hagiógrafos nos chamados “cinco rolos” ou *Megillot*: Cântico dos Cânticos, Rut, Lamentações, *Qohélet* ou Eclesiastes, Ester. *Qohélet* é o termo hebraico que significa “aquele que fala perante uma assembléia (*ekklesia*, em grego, donde *Ekklesiastés*), o Pregador; ou o Colecionador de Provérbios; ou, ainda, o Sábio” (CAMPOS, 1991, p. 19, itálicos como no original). Na apresentação de sua tradução, Campos (1991) faz um comentário interessante acerca deste livro sapiencial:

*Qohélet* (o *Eclesiastes*) é um livro estranho. A um observador moderno, viciosamente inclinado a projetar uma impertinente mirada retroativa sobre o passado – o século III a.C., época em que o livro do Pregador teria sido escrito – seu texto causa um choque. Parece um fragmento insurrecto, imbricado anacronicamente no “cânon” bíblico pelo martelo filosofante de Nietzsche, o pensador do “eterno retorno”, da “vontade do nada” e do “céu-acaso” sobranceiramente disposto acima de todas as coisas. (p.17, itálicos como no original)

Por mais interessante que possa parecer, não cabe aqui, porém, fazer um estudo detalhado do livro, o que envolveria extensas pesquisas a respeito de língua, autoria, datação, estrutura e canonicidade. Convém, antes, expor, também brevemente e em linhas gerais, a agenda tradutória de Campos e Buber.

10. Tradução de: “... to decide what aspects of the original s/he wants to communicate”.

### 3.2. Haroldo de Campos e *Qohélet*: O-que-Sabe

Oliveira (2000) diz que Haroldo de Campos, ao escolher determinados livros bíblicos para traduzir – em nosso caso, *Qohélet*,

(...) agiu conscientemente, conduzido pelo desafio de evidenciar o embate cultural polifônico latente na codificação dos textos bíblicos e expô-los à língua e à cultura brasileiras e pelo prazer de participar de um jogo de combinações infinitas e, por isso mesmo, instigante, que implica em “hibridismo de línguas, hibridismo de pessoas. Mais ainda, hibridismo de culturas: transculturação de intertextos” (p.185).

Referindo-se a Martin Buber, Campos (1991) esclarece que tentou seguir o princípio de equivalência no plano lexical. Segundo este princípio, deve-se observar o que Buber chama de “Leitwörter” (palavras-guia), “palavras ou sequências de palavras que devem ser transpostas, via de regra, pelos mesmos equivalentes em alemão (princípio da repetição relevante (...))” (p.31). No entanto, Campos reconhece que há exceções a esta regra devido às necessidades de certas passagens, “pois o tradutor está sob uma ‘dupla lei’, a da sua língua e a da língua alheia” (id). Por isto, acrescenta:

Deixei-me livre (...) para atender com certa flutuação, onde necessário, às injunções do texto de minha “transcrição” em português, sempre que o âmbito fonossemântico de minha língua me fosse propício e me sugerisse uma alternativa pertinente e *poeticamente* mais eficaz, no sentido poundiano da operação poética (que, nesses casos, envolve a conjugação de *melopéia* e *logopéia*: as figuras sonoras, por um lado; por outro, a dança interior das palavras, ou, em termos de Jakobson, a “poesia da gramática”) (p.31, itálicos como no original).

Campos procurou hebraizar o português, fato que, segundo ele, não “encerra a ambição desmesurada de reprimar o texto original em sua ‘autenticidade’ perdida” (p.32). Sua intenção é tão somente devolver ao texto sua sonoridade e sua poeticidade, estendendo os horizontes de sua língua e “explorando-lhe as virtualidades ao influxo do texto hebraico” (id.). A sonoridade da língua hebraica (pelo que pôde derivar a partir do texto massorético<sup>11</sup>) foi de grande importância em muitas de suas opções transcriadoras. “O resultado”, afirma, “deve ser avaliado em termos de sua eficácia na configuração poética da língua de chegada, o português; enquanto produto acabado em meu idioma, portanto, em confronto com as outras versões nele preexistentes” (p.33-34).

Campos, buscando outros exemplos para sua agenda tradutória, cita Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade, pois “abeberam-se, todos, na tradição (memória oral do povo) e na inovação paralela; na surpresa ‘consentida’ de efeitos sonoros, lexicais e morfo-sintáticos, frequentes vezes resgatados por revitalização ao arcano das falas populares (...)” (p.34-35). Na tradução de *Qohélet*, procurou preservar o estilo-provérbio, aforismático-reiterativo e “injetar (...) a inflexão oral de expressões como ‘vidente’ (em lugar de ‘ser vivo’) ou ‘feito’ (em lugar de ‘como’), ou mesmo de um coloquial urbano de contornos próximos, correntios” (p.35). Também se preocupou

11. A Bíblia hebraica está redigida numa escrita consonantal, onde as vogais não aparecem. Enquanto o hebraico era uma língua falada, não havia dificuldade em se ler este sistema sem vogais. No entanto, na medida em que o hebraico foi perdendo seu uso cotidiano, foi-se sentindo a necessidade de também se escrever as vogais. Por esta razão, entre os séculos VIII e X e.c., os massoretas, doutores judeus, acrescentaram as vogais ao texto consonantal da Bíblia hebraica.

em manter o “registro irado, o registro irônico, o registro ‘gozoso’ (...), além do registro pragmático, destinado à orientação dos discípulos numa sociedade em transformação” (id.).

Vale, ainda, comentar que, para reproduzir as pausas para respiração (maiores, menores, mínimas), o tradutor fez uso de sinais disjuntivos (§§§ §§ §), a fim de tornar mais nítida “a marcação na página para o olho” (cf. p.28).

### 3.3. Martin Buber e *Das Buch Versammler*

A convite de uma editora alemã, Buber aceitou fazer, em uma primeira etapa juntamente com Franz Rosenzweig, uma nova tradução do Antigo Testamento, hebraizando o idioma alemão e que não fosse uma tradução cristã como a de Lutero. Rosenzweig afirmava que “quando Lutero investigava o significado do texto hebraico, ele não estava pensando hebraicamente; nem estava, como ele posteriormente o fez ao traduzir o sentido investigado para o alemão, pensando germanicamente; ele estava pensando latinamente” (ROSENZWEIG *apud* OLIVEIRA, 2000, p. 159). Daí surgiu o desafio de fazer uma tradução que recuperasse a beleza e o sabor do texto hebraico, tendo a literalidade à forma como agenda de tradução.

Esta literalidade à forma, nas palavras de Oliveira,

(...) permitiu a Rosenzweig e Buber deixarem transparecer o jogo alusivo – intertextual e intratextual – presente no texto bíblico. Desse modo, o comentário foi inserido em sua tradução, como observou Scholem, ao dizer a Buber que “a tradução de vocês não é meramente uma tradução; sem adicionar uma palavra de explicação *per se*, ela também é um comentário”<sup>12</sup> (p.162, itálicos como no original).

Campos (1991), ao comentar sobre o trabalho de Martin Buber, disse que este também “orientou-se por princípios que visavam a remover a ‘pátina’ das versões tradicionais” (p.30), com o intuito, inclusive, de devolver ao texto sua *Gesprochenheit*, sua oralidade.

Assim como HC<sup>13</sup>, Buber também decidiu colocar marcas no texto em alemão, a fim de sinalizar as pausas para tomada de fôlego. Afirmava que “o original não é o metro, mas a colometria, ou seja, a divisão em unidades [cola], que são, *ao mesmo tempo*, unidades de respiração e de sentido”<sup>14</sup> (Buber, 1997, p. 21, itálicos como no original). Para fazer a marcação, serviu-se da pontuação tradicional e de barras verticais para marcar o fim do verso ( | ).

Outro princípio perseguido por Buber é o que chama de *emphatische Wiederholung*, “repetição enfática”. Esclarece que não se trata, aqui, de repetição de sons, mas da inter-relação entre dois ou mais trechos através da repetição de palavras e radicais que guiarão o leitor através do texto, e que se elucidam mutuamente. Como já visto acima, é o que chama de *Leitwörter* (cf. id., p. 21). Outra área de pesquisa na tradução, também relacionada ao princípio da repetição, foi a da *Wortwahl*,

12. Vê-se nas palavras de Scholem um eco do que Gutt falou sobre tradução como “uso interpretativo da linguagem”, conforme exposto acima.

13. A partir de agora, exceto em citações, referir-se-á a Haroldo de Campos usando-se a sigla HC.

14. Tradução de: “... das Ursprüngliche ist nicht das Metrum, sondern die Kolometrie, d.h. die Gliederung in Einheiten [Kolen], die zugleich Atemeinheiten und Sinneinheiten sind”.

“escolha de palavras”, ou seja, “reproduzir importantes palavras de igual raiz através de outras de igual raiz, para que a relação mútua também ficasse evidente na tradução”<sup>15</sup> (ib., p. 22).

No comentário à tradução do primeiro volume, contendo os cinco livros da Torá, Buber & Rosenzweig (1997) colocam o motivo principal que os levaram a uma nova tradução da Bíblia hebraica: “a descoberta do fato de que os tempos transformaram as escrituras, muitas vezes, em um palimpsesto”<sup>16</sup> (p. 5). O texto inicial estaria encoberto por abstrações de ordem teológica e literária, afastando o leitor atual do espírito do texto primevo.

#### 4. Uma análise, à luz da tr, de Qohélet: O-que-sabe (hc) e Das Buch Versammler (mb<sup>17</sup>) como traduções do hebraico

Após a identificação de quais aspectos do TP foram relevantes para os tradutores acima (cf. GUTT, 2000, p. 172), propõe-se uma análise de trechos previamente selecionados, retirados do texto hebraico de *Qohélet*, com o intuito de verificar o grau de semelhança interpretativa nas traduções de HC para o português e de MB para o alemão. As citações em hebraico têm como fonte o texto massorético da 5ª. edição da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (1997), de agora em diante apenas BHS. Para os vocábulos consultados quanto ao léxico e à semântica, foram usados os dicionários Kirst et alii (2000) para o hebraico, Duden (2001) e Langenscheidt (2001) para o alemão e Houaiss (2001) para o português. Os comentários sobre as traduções em português e alemão se basearão nos conhecimentos do pesquisador como falante nativo daquele e proficiente neste idioma.

Passemos à análise de dois versos, escolhidos aleatoriamente dentre aqueles que oferecem especial dificuldade ao tradutor.

##### 4.1. Verso 1,2

BHS havel havâlîm ‘âmar qohélét havel havâlîm hakol hâvél

HC Névoa de nadas § disse O-que-Sabe §§  
névoa de nadas § tudo névoa-nada

MB Dunst der Dünste, spricht Versammler, Dunst der Dünste,  
alles ist Dunst.

Para esta análise da tradução, torna-se necessário se concentrar na palavra-chave da sentença, em hebraico *havel*, substantivo comum masculino singular no estado constructo com vocalização aramaizante no lugar de *hévél*. O estado constructo é uma espécie de genitivo em hebraico e, por

15. Tradução de: “(...) wichtige wurzelgleiche Worte durch wurzelgleiche wiederzugeben, damit die gegenseitigen Bezogenheiten auch in der Übersetzung offenbar werden”.

16. Tradução de: “(...) Entdeckung der Tatsache, daß die Zeiten die Schrift vielfach in ein Palimpsest verwandelt haben”.

17. A partir de agora, exceto em citações, referir-se-á a Martin Buber por meio de MB.

estar no estado constructo, *havel* está acompanhada de *havâlim*, a mesma palavra, porém no plural e no estado absoluto.

HC traduziu a expressão por “névoa de nada”, visando a resguardar a função aliterante do texto hebraico e combinando “a aceção primeira de ‘vapor’ (névoa) com outra, também material, de ‘insignificância’, ‘ninharia’ (nada, nada)” (CAMPOS, 1991, p. 37), e menciona que, sonora e semanticamente, sua opção lembra o “nonada” de Guimarães Rosa. Há quem entenda a expressão *havel havâlim* por uma onomatopéia: “consequentemente, o sentido da palavra [*hévél*] é aberto”<sup>18</sup> (Seybold *apud* Anderson, 1999:61, palavra entre colchetes minha). “Névoa de nada”, “tudo névoa-nada” recupera, de certa maneira, a aliteração hebraica em “v”. A TR vê nessa tentativa de reprodução da aliteração e com o emprego do vocábulo “nada” um comportamento ostensivo por parte do tradutor, ao tentar ajudar o leitor em seu comportamento inferencial, com o objetivo de alcançar o efeito contextual desejado, ligando “névoa” a “nada”, acentuando seu caráter de “futilidade”, “coisa vã”.

Seria, aqui, importante lembrar que o objetivo de uma tradução, à luz da TR, não é manter as propriedades lexicais e semânticas do TP. O que importa são as interpretações pretendidas pelo tradutor, compartilhando explicaturas e implicaturas, com o mínimo possível de violação das marcas de codificação procedimental e conceitual. Em função disto, atinge-se um grau de semelhança que varia de muito baixo a muito alto. Com a escolha tradutória de HC, a TR entende que as marcas de codificação procedimental foram mantidas: a relação de genitivo, a ordem vocabular, a oração sem verbo; a codificação conceitual, por ser passível de expansão, também foi mantida, pois, levando-se em consideração sua agenda tradutória transcriadora, a TR entende que HC, manipulando o sentido de “vapor” de *hévél*, expandiu seu conceito através de “nada”, o que não constitui uma violação. Por trabalhar com transcrição, HC pode utilizar-se dos desdobramentos conceituais; já os procedimentais não o permitiriam. Por entender-se esta opção estar congruente com sua agenda, poder-se-ia dizer, segundo a perspectiva teórica da TR, que o grau de semelhança interpretativa alcançado foi alto.

MB verteu a passagem por “Dunst der Dünste”. Em alemão, “Dunst” pode ter o mesmo valor que o hebraico *havel*, significando “vapor”. Neste sentido, também em alemão, “Dunst” implica o significado de futilidade, inconsistência, coisa vaga, não se constituindo, então, pela TR, numa violação da marca de codificação conceitual. Ao traduzir o genitivo, MB optou por colocar um artigo definido (“der”, artigo definido genitivo plural) na ligação dos dois substantivos, embora em hebraico a expressão não tenha este artigo. A possível intenção de MB foi manter o sentido da expressão *havel havâlim*, que é de superlativo (como “Cântico dos Cânticos”), uma construção tipicamente hebraica. Para recriar um sentido próximo em alemão, foi preciso ligar as duas palavras por um genitivo que, obrigatoriamente, adquire um caráter definido. Assim, buscando manter a pista comunicativa vista no TP – a noção de superlativo – a TR considera que não houve violação das marcas de codificação procedimental, visto que a estrutura entre as línguas pode ser bem diferente e que mudanças, tais como, p.ex., na ordem vocabular ou no léxico, são, às vezes, necessárias. Importante é manter o mesmo valor de verdade do enunciado que, neste caso, foi observado. O final do verso foi traduzido por “alles ist Dunst”, “tudo é vapor”. MB serviu-se da terceira pessoa

18. Tradução de: “Das Wort besitzt demnach offene Sinnbezirke”.

do singular do verbo “sein” (“ist”) para ligar os termos “alles” e “Dunst”. Este recurso traduz coerentemente o verbo “ser” em hebraico, verbo que não é conjugado no presente. Assim, segundo a TR, também não houve violação de marcas de codificação procedimental e conceitual. Pela perspectiva da TR, a tradução de MB alcançou um alto efeito contextual com uma alta semelhança interpretativa, se for levada em consideração a agenda de MB de retirar a pátina teológica que encobre as Escrituras Sagradas, ao procurar palavras do léxico alemão, cujo significado se aproxime o máximo possível de sua contrapartida em hebraico.

## 4.2. Verso 3,18

BHS: ‘amarettî ‘anî bilibî ‘al-diberat bine hâ’âdâm

lebârâm ha’elohîm welire’ôt

shehem-behemâh hemma lâhem

HC: Eu disse eu § para o meu coração §§

quanto aos § filhos do homem §§

Elohim § os esmerilha §§§

E que vejam §§

não são mais que animais ademais § não mais

MB: Ich sprach, ich in meinem Herzen:

Um die Sache der Menschensöhne ists,

daß man sie prüfe – Gott –

und daß man sehe, wie sie ein Getier, sie für sich sind. |

O último segmento do versículo hebraico apresenta um jogo de palavras, com repetição de sons e letras, caracterizando uma “quádrupla paronomásia”. Literalmente, temos, palavra por palavra: “que eles animal eles para eles”. *Behemâh* é um substantivo comum feminino singular absoluto e significa “gado”, “animais (quadrúpedes/domésticos/ferozes/de tração e montaria)”. Esta frase nominal apresenta-se de maneira deveras clara na tradução de João Ferreira de Almeida (1993): “e eles vejam que são em si mesmos como os animais”. Campos (1993, p. 105) comenta a respeito da forma hebraica:

Trata-se de um fulgurante fragmento qohelético, engastado numa quádrupla paronomásia, tão eloquente em sua configuração fonossemântica, que por si só reduz a pó as objeções santimoniosas daqueles que negam a existência factual da jakobsoniana “função poética” da linguagem, como se a operação desta indicasse nos textos (e no sagrado, perversamente) alguma pecaminosa propensão ao erotismo verbal, necessitando por isso mesmo de ser esconjurada.

Mais adiante, HC menciona o fato de que “a fulminante sentença d’O-que-Sabe cita, e ao mesmo tempo reverte axiologicamente, a passagem do *Gênese* (I, 28)” (p.105-106, itálico como no original). Lá, Deus dá aos homens recém-criados o poder sobre todos os animais do céu, do mar e da terra. Aqui, coloca-os em pé de igualdade com os animais.

HC procurou reconstruir a múltipla aliteração contida no TP, o que resultou em: “não são mAIS que animAIS ademAIS não mAIS”. O efeito poético alcançado foi grande, sem modificação do valor de verdade do enunciado. Segundo a TR, não houve violação das marcas de codificação conceitual e que, apesar de variação nas marcas de codificação procedimental (p.ex., o singular *behemâh* foi vertido como o plural *animais*), foi atingido um alto efeito contextual com grande semelhança interpretativa. Ademais, a transcrição dos diversos “AIS” revela que o efeito contextual é decorrente de um projeto tradutor deliberado, observando as pistas comunicativas presentes no TP. Este fato contribui para o aumento de semelhança interpretativa. E, além disto, as implicaturas que podem ser inferidas a partir desta explicatura estão coerentes com as imaginadas para o TP: o homem se igualando aos animais.

MB traduziu a passagem por: “wie sie ein Getier, sie für sich sind”. A exemplo do português, também a versão alemã empregou o verbo “sein” (*ser*) na reprodução da frase nominal hebraica, neste caso específico, sem verbo. “Getier” é um substantivo comum neutro singular com o sentido de coletivo, significando “animal, animais”. A expressão “für sich” tem o sentido de “cada qual separadamente, por si só”, o que corresponderia, gramatical e lexicamente, à expressão hebraica *lâhem*. O *lamed* hebraico com sufixo de terceira pessoal masculino plural pode ser entendido aqui como “em relação a, para, a respeito de, como”. A TR entende que a tradução de MB, seguindo estritamente a ordem vocabular em hebraico (à exceção do acréscimo da forma verbal conjugada *sind*), não apresenta nenhuma violação de marcas de codificação conceitual e procedimental, como se depreende do exposto acima. No entanto, um leitor/ouvinte alemão vai necessitar, supostamente, de um esforço cognitivo extra para interpretar o trecho. Quando isto acontece, deve haver, segundo a TR, uma forma de compensação com a produção de efeitos contextuais maiores. Com sua tradução, MB mantém o caráter hermético do TP, ou seja, preserva uma pista comunicativa do TP que é sua obscuridade. O esforço processual extra, demandado na interpretação da mensagem, é compensado por gerar implicaturas congruentes às imaginadas por MB para o TP. Assim sendo, o grau de semelhança interpretativa alcançado é também alto.

## 5. Conclusão

Foram analisados, neste artigo, trechos traduzidos de uma mesma língua, o hebraico, para duas línguas ocidentais diferentes, o alemão e o português. Vimos que a agenda de ambos os tradutores é praticamente a mesma, ou seja, tentar produzir um TC que mantenha, tanto quanto possível, as características formais do TP. MB ateve-se mais em manter as marcas de codificação procedimental e conceitual do TP, enquanto HC preocupou-se, por sua vez, em “transcriar”, com enfoque no efeito poético. Relevante para MB foi o hebraico, ou seja, a língua de partida. Também o projeto de transcrição de HC não ignora a língua de partida. Destaca, contudo, dentro do contexto pós-colonial, a necessidade de transcriar um original que, dentro da visão de HC, não tem valor soberano enquanto tal.

Aplicou-se, no estudo comparativo das traduções, a Teoria da Relevância, por se acreditar ser este um suporte teórico capaz de avaliar o grau de semelhança interpretativa entre textos linguisticamente diferentes. Foi mencionado no decorrer desta pesquisa que o tradutor manipula as

marcas de codificação conceitual e procedimental presentes no TP, na procura por efeito contextual. Foi igualmente constatado que, quanto maior a violação destas marcas, mais baixo será o efeito contextual gerado, o que implica, conseqüentemente, em semelhança interpretativa mais baixa. A manipulação ocorreu tanto na tradução de HC quanto na de MB, respeitando, no entanto, as marcas de codificação conceitual e procedimental no TP, com a intenção de gerar o efeito desejado.

Neste ponto, é importante esclarecer que a análise aqui efetuada tem limitações de natureza quantitativa e não pretende, em hipótese alguma, generalizar. Trata-se, sim, de um estudo piloto para fins de comprovação de uma hipótese de trabalho a ser investigada em uma dissertação de mestrado.

No que tange aos versos escolhidos neste artigo, talvez seja importante dizer que não se tratou aqui de qualificar uma tradução como boa ou ruim, já que tanto a alemã quanto a brasileira são textos brilhantemente elaborados com grandes propriedades poéticas. Procurou-se, tão só, avaliar o grau de efeito contextual atingido numa e noutra tradução, uma vez que houve manipulação das marcas de codificação. Também não foram tomados trechos descontextualizados; cada passagem foi devidamente estudada, tomando-se em consideração o capítulo qohelético onde está inserida e a intertextualidade com outros capítulos e livros bíblicos.

Finalizando este artigo de aplicação da Teoria da Relevância à tradução de textos sagrados, poderíamos dizer que, apesar da intensa e laboriosa tarefa, pôde-se constatar, sem nenhuma dúvida, o que Gohn (2001:147-148) acertadamente afirma: “o investimento é regamente retribuído em termos de prazer intelectual e, porque não, em termos de modificações na percepção, por parte do pesquisador, de sua própria cultura e da cultura do outro”.

## 6. Referências

A BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 914 p./255 p.

ALVES, Fábio. Teoria da relevância e os estudos da tradução: perspectivas e desdobramentos. In: ALVES, Fábio (org.). **Teoria da relevância & tradução: conceituações e aplicações**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001a. p. 15-33.

ALVES, Fábio. Relevância em contextos culturalmente marcados: a semelhança interpretativa em pauta. In: ALVES, Fábio (org.). **Teoria da relevância & tradução: conceituações e aplicações**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001b. p.87-108.

ALVES, Fábio, GONÇALVES, José Luiz V.R. A Relevance Theory Approach to the Investigation of Inferential Processes in Translation. In Alves, F. (ed.), **Triangulating Translation: perspectives in process-oriented research**. Benjamins Translation Library 45. Amsterdã: John Benjamins. 2003. p.3-24.

AUVRAY, Paul. **Bibelhebräisch zum Selbststudium**. Aus dem Franz. übers. von Peter Knauer. 2., verb. Aufl. Paderborn; München; Wien; Zürich: Schöningh, 1999. 288 p.

BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Fünfte, verbesserte Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994. 2480 p.

BUBER, Martin. **Die Schriftwerke; verdeutscht von Martin Buber gemeinsam mit Franz Rosenzweig**. Gerlingen: Lambert Schneider, 1997.

BUBER, Martin, ROSENZWEIG, Franz. **Die fünf Bücher der Weisung**. 12. Auflage. Gerlingen: Lambert Schneider, 1997.

CAMPOS, Haroldo. **Qohélet/O-que-Sabe: Eclesiastes: poema sapiencial**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. 247 p.

\_\_\_\_\_. **Bere'shith; a cena da origem**. São Paulo: Perspectiva, 1993. 117 p.

DUDEN. **Deutsches Universal Wörterbuch**. 4., neu bearb.erweit.Aufl. Mannheim: Dudenverlag, 2001. 1892 p.

GABEL, John B., WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura: uma introdução**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993. 263 p.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Três trechos sobre tradução. Trad. Rosvitha Friesen Blume. In: HEIDERMANN, Werner (org.). **Clássicos da teoria da tradução: Antologia bilíngue**. Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução, 2001. Vol.1.

GOHN, Carlos. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados. In: PAGANO, Adriana Silvina (org.). **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p.147-170.

GUTT, Ernst-August. Issues of Translation Research in the Inferential Paradigm of Communication. In OLOHAN, M. (ed.), **Intercultural Faultlines. Research Models in Translation Studies I. Textual and Cognitive Aspects**. Manchester: St. Jerome, 2000. p. 161-179.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. Manaus: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

KIRST, Nelson et al. **Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português**. 12ª ed. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2000. 305 p.

LANGENSCHIEDT. **Taschenwörterbuch; Portugiesisch**. Neubearbeitung. Berlin/ München: Langenscheidt, 2001. 1247 p.

LÍNDEZ, José Vílchez. **Eclesiastes ou Qohélet**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1999. 510 p.

OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. **O pensamento tradutório judaico: Franz Rosenzweig em diálogo com Benjamin, Derrida e Haroldo de Campos.** Belo Horizonte, 2000. 213 p. Tese (Doutorado em Letras) - UFMG.

SCHNEIDER, Wolfgang. **Grammatik des biblischen Hebräisch.** 8. Auflage. München: Claudius Verlag, 1993. 301 p.

SPERBER, D., WILSON, D. **Relevance: Communication and Cognition.** Second Edition. Oxford & Cambridge: Blackwell, 1995.

WILSON, D., SPERBER, D. Relevance Theory. In: Horn, L.R. & Ward, G. (eds.). **The Handbook of Pragmatics.** Oxford: Blackwell, p. 607-632, 2004. Disponível na Internet. Acesso em 17.04.2004: [www.dan.sperber.com/relevance\\_theory.htm](http://www.dan.sperber.com/relevance_theory.htm).